ANO 3.º LISBOA—QUARTA-FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 1923 N.º 834

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

NO GORDIO

O problema financeiro é que marca a duração dos regimens, não havendo meio de os manter de pé, quando o *deficit* sobe acima de todos os calculos, sem nunca transigir com expedientes nem com largos planos restauradores.

Por mais que se diga á nação que tempos melhores hão de vir, desde que a moeda se desvaloriza e a vida encarece não ha principios nem instituições que se aguentem.

Que nos importa que a Constituição garanta o exercicio de todas as liberdades, se a ruina do Estado vai arrastando comsigo as esperanças dos que confiavam dele a defesa dos seus bens e a segurança das suas pessoas.

Não sei se os leitores sabem que, á medida que os serviços publicos se vão desorganizando — como sempre acontece nos países em que o contribuinte acaba por se tornar o maior dos indisciplinados — logo se desenha uma ameaça contra tudo o que vivia á sombra da ordem e da legalidade.

Porque é que nós nos cançamos e ha tantos meses a pedir um governo que cumpra o seu dever, arrostando com as dificuldades, por maiores que elas sejam?

Temos diante dos olhos, e bem delineado, o quadro da anarquia triunfando, no meio de uma organização politica que estala por todos os lados, incapaz de dominar os vicios que a minam e corroem.

Ha ainda politicos optimistas que não percebem suficientemente que os governos inativos ou inhabeis e os parlamenios entregues ao delirio da retorica vão perdendo a pouco e pouco o contacto com a nação, que julgam dirigir ou representar, até que um dia deixam de ter qualquer significação ou importancia, sumindo-se entre as coisas velhas e apodrecidas.

Quando, ás vezes, presenciamos a teimosia com que alguns ambiciosos lutam para chegar ao poder, vem-nos logo á ideia que eles devem ser vitimas duma extrema cegueira mental que os leva a tomar como triunfo o que tem de ser uma formidavel derrocada de desejos loucos.

Porque é que todos os partidos se dividem e subdividem, sem que ninguem saiba em que novas correntes de ideias se filiam tantas turbulencias, visto que os movimentos que não se inspiram em doutrinas ou orientações modernas são, ao mesmo tempo, efeito e causa de desordem?

A crise actual é das que salvam ou matam um regimen.

Já pensaram nisto os homens que nos governam ou se propõem governar-nos?

No "réveillon"

—Ha quasi dois mil anos, nasceu o Menino Jesus, num estabulo pobre, entre palhas humildes...

GERMAINE Berton, a libertaria que assassinou Marius Plateau, foi absolvida pelo tribunal do Sena. Porque? Toda a gente põe a interrogação e ninguem atina com a resposta. Os jornais de Paris, pesquisados pela nossa natural curiosidade, limitam-se a relatar o que se passou na penultima audiencia, dando especial e unanime relêvo a estas declarações sensacionais da acusação:

«O crime de Germaine é um crime anarquista, um crime dos anti-militaristas inimigos da França. O defectismo contra o nacionalismo: eis o nó do assassinato! Durante a guerra, a *Action Française* pôz todo o seu esfôrço ao serviço da Republica. Realista? Não: nacionalista. Foi ela, foram os seus quem lutou contra a traição. A ré quiz vingar Almereyda e não Jaurés—confessou-o ela propria—e Almereyda é toda a historia da *Action Française*, porque nas manifestações que se fizeram nas ruas, os bandos patriotas eram comandados por Marius Plateau, e os bandos internacionais por Almereyda, por esse homem que se suicidou na prisão para esconder na morte os seus segredos, e que dirigiu um jornal onde a justiça teve de ir buscar um redactor para o fusilar por traição!»

Como explicação da benevolencia havida para com Germaine Berton, é absurdo; mas, talvez esteja certo por isso mesmo.

* * *

POSTO que estejamos em ferias, nem por isso os boatos dormitam, pois que ainda hoje passaram alguns pela nossa redacção, espalhando sobresaltos que, felizmente, já não perturbam ninguem.

Em tempos, chegou a publicar-se um decreto contra os boateiros. Não deu resultado apreciavel, porque teria de ser castigada muitissima gente, a começar pelos que combatiam os boatos com contra-boatos.

A verdade é esta — nunca se poderá impedir que, sob a forma de confidencias, duas pessoas digam uma á outra o que ouviram ou julgam ter ouvido a outras pessoas *du même acabit*.

Quando as paixões politicas ou outras dominam as turbas, estas, para se desoprimirem, inventam toda a casta de excitantes, afim de se manterem em permanente estado de febre e irritação.

* * *

O NOSSO presado colega de imprensa sr. Custodio de Mendonça, que diariamente se ocupou em *O Rebate* durante mais de um ano, de assuntos economicos e financeiros, tendo deixado de fazer parte daquele jornal, vai reunir em volume todos os artigos que publicou.

* * *

SEGUIU hoje no «Sud-Express», para Roma, o sr. dr. Pedro Martins, ministro de Portugal junto do Vaticano. No mesmo comboio seguiu para Bruxelas o ex-ministro da Marinha sr. Fontoura da Costa.

* *

EDITADO pela *Grande Novela*, publicação quinzenal dirigida pelo sr. Carlos d'Ornellas, recebemos o ultimo trabalho do brilhante escritor Rocha Martins, intitulado *Natal de Mendigos*.

* * *

O SR. Rego Chaves não aceitou o convite para dirigir a pasta das Colonias. Sabemos que vai ser oferecida a um categorisado politico democratico que a aceitará.

NAS Casas de Refugio e Trabalho, que o sr. dr. Antonio da Costa Ferreira, dirige com um carinho e uma boa vontade inescediveis, realizou-se ontem uma interessantissima festa de Natal para distribuição de brinquedos ás crianças e de tabaco aos velhinhos que ali estão internados.

Presidiu o sr. Fausto de Figueiredo, que abriu a sessão solene com um discurso brilhante, enaltecendo a obra de Assistencia que tem sido levada a cabo pela Republica e referindo-se, com elogio, á entrada do sr. dr. Costa Ferreira para aquele estabelecimento de caridade e protecção aos desvalidos.

O sr. dr. Costa Ferreira agradeceu, as crianças recitaram versos e a encantadora festa terminou pela distribuição de brinquedos e chocolates aos internados.

O Provedor da Assistencia mandou fazer, do seu bolso pessoal, a montagem electrica no antigo convento das Salesias, contribuindo ao mesmo tempo com uma avultada quantia para a festa.

De todas as comemorações natalicias que se realizaram em estabelecimentos do Estado, nenhuma, por certo, foi tão enternecedora e simpatica como esta.

* * *

EM New York, um alfaiate chamado Kalman Simel atirou-se duma altura de trinta metros sobre o pavimento da nona avenida.

Esmigalhou o craneo.

Quando a policia chegou, percorreu-lhe as algibeiras, encontrando este bilhetinho:

—«Levei sempre uma vida de cão. Peço ao sr. comissario o favor de me reconduzir á minha casa, a fim de que a minha mulher não fique sem um bom presente do Natal.»

Era um homem muito triste que talvez se risse, lembrando-se da partida que ia a fazer á sua consorte. Choraria esta, pela primeira vez, em toda a sua existencia?

* * *

ASSIM como o assassino de Jaurés foi absolvido — o que pareceu um triunfo para os nacionalistas, tambem agora Germaine Berton, assassina de Marius Plateau, beneficiou da mesma indulgencia — cantando vitoria os anarquistas.

Efeitos da influencia da politica nos tribunaes...

Como, porém, a justiça marca o nivel da ordem, da educação, da cultura e do equilibrio das classes numa sociedade, apenas consente que acima dela se ergam outros poderes mais fortes, imediatamente o crime toma a dianteira a todas as audacias.

* * *

UM amigo nosso, que ontem teve ocasião de contemplar o movimento das ruas de Lisboa, disse-nos:

—«Nunca vi tanta gente triste!»

Apesar das pastelarias fazerem um negocio real, raros são os que se divertem. A alegria está mais cara ainda que as libras. Ha, com efeito, pessoas que se riem com estrondo, mas são geralmente vitimas dos seus sentimentos—julgam que a satisfação é um sinal de fôrça e de riquesa mal adquirida.

* * *

COM demora de algumas semanas, parte depois de ámanhã para o Funchal o ilustre clinico e professor sr. dr. Carlos de Melo

A musica

Concerto Lassalle

Constituiu um verdadeiro acontecimento a audição da IV Symphonia, de Mahler, pela primeira vez executada em Portugal.

Não foi iludida a espectativa do publico, pois a obra ontem revelada é uma maravilha de equilibrio, de gosto e de elevação estetica.

No decorrer dos seus admiraveis quatro andamentos ha paginas que podem ser consideradas das mais belas da musica sinfonica de todos os tempos. Emoção, nobreza de expressão, intensidade dramatica, ternura, grandiosidade, tudo se encontra numa atmosfera de espontaneidade admiravel na maravilhosa obra prima que encheu toda a segunda parte do concerto de ontem. Na regencia dessa obra e na sua execução afirmaram o maestro Lassalle e o seu grupo uma superioridade artistica verdadeiramente extraordinaria, pois só de uma musicalidade privilegiada poderia resultar uma tão rapida e boa compreensão de uma obra de tão complexas exigencias como a maravilhosa sinfonia de que vimos tratando.

A empreza do S. Luiz merece todos os aplausos dos amadores de boa musica, pois a revelação deste monumento de arte representa um esforço corajoso, dada a circumstancia das despezas a que necessariamente obrigou e a incertesa em que porventura se poderia estar da fórma como o publico acolheria obra tão pouco divulgada e de tão dificil compreensão. Esse acolhimento foi, no emtanto, o mais carinhoso possivel, desenhando-se em muitos membros do auditorio movimentos da mais sincera e espontanea emoção. Por tudo foi muito aplaudido o ilustre maestro Lassalle e os seus colaboradores em tão brilhante tarefa, especialmente m.me Mello Viana, que fez com muita musicalidade e muita consciencia artistica o solo de canto do quarto andante.

As restantes partes do programa foram preenchidas pelos «Petits Riens», de Mozart, pelos n.os portugueses «Melodia de amor» e «Prologo da 2.ª Simphonia Camoneana», de Ruy Coelho, e pela «Huldigungs-Marsch», de Wagner, todos já conhecidos e que foram muito aplaudidos.

Oliva Guerra

DINHEIRO

Empresta-se na **RENOVADORA, Rua Martim Moniz, 31 (á Rua da Palma).** Esta antiga e acreditada casa continua fazendo emprestimos sôbre ouro, prata, brilhantes, antiguidades, moveis, maquinas de costura, roupas e tudo quanto ofereça garantia. Juro modico.

Costa Cunha, Limitada

A's Senhoras

Capsulinas para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. **Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo**

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h. Telef. 5205

MAQUINAS DE ESCREVER
ACESSORIOS E REPARAÇÕES GARANTIDAS
DUPLICADORES E MÁQUINAS DE CALCULAR
Telefone N. 3158 **Oliver, Lim.** R. Prata, 250, 2.º

INSULIN WELLCOME
Empregada no tratamento da diabetes
Estabelecimentos Alvaro Campos
LISBOA—PORTO

MAQUINAS DE ESCREVER IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 3, 1.º (Proximo á estação).

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

A POLITICA

A conferencia

DE CUNHA LEAL

contraditada por Amancio de Alpoim

Sr. Director do «Diario de Lisboa»: — Ofereceu V. as paginas do «Diario de Lisboa» ás pessoas que pretendam discutir a conferencia que o sr. Cunha Leal proferiu na Sociedade de Geografia, «sobretudo nas afirmações reputadas atrevidas».

Agradeço, e aproveito a sua valiosa oferta.

* * *

Tem razão Cunha Leal quando preambularmente afirma, falando de si e dos outros politicos: «raciocinamos mal, por via de regra». Ele proprio se encarrega, no decurso da conferencia, de nos demonstrar a verdade desta sua afirmação, raciocinando muito mal, e — o que é ainda mais grave — analisando peior. Os constantes erros de analise, patentes a cada passo no desenrolar das suas considerações, são pecados originais de que o capitão Cunha Leal não póde por qualquer forma resgatar-se.

Engenheiro habituado a trabalhar com materiais já existentes, o sr. Cunha Leal quando entra no campo das sciencias politicas não encontra as coisas tão claras como na engenharia — o ferro aqui, a pedra acolá, o cimento nest'outro sitio —. Vai daí improvisa, fantasiando os elementos da construção doutrinaria, ligando ás palavras significações de capricho, interpretando ao sabor do seu desejo os fenomenos sociais. E faz, pena ver uma inteligencia tão poderosa, desorientada pelos erros iniciais da analise forçada a produzir trabalho de pessima logica, cambalhotando de afirmação em afirmação, sem coerencia mental, sem nexo deductivo. Ele proprio o confessa, num grito de alma, com a sua rude franqueza: «Palavras, e sempre palavras... — são ainda palavras, agora, o que estou dizendo a V.»

* * *

Preparando o terreno para a sementeira das suas aspirações, o sr. Cunha Leal inicia as suas considerações com uma afirmação errada:

«Permitam-me V. que eu vinque bem a minha convicção de que a questão de regimen passou para um plano secundario. No fundo, os proprios monarquicos não se importam com a sua monarquia».

Estas palavras são a negação da realidade portuguesa. Pertencerá Cunha Leal ao nemero dos ingenuos que julgam os monarquicos portugueses pessoas que se limitam a simpatisar, por capricho, com D. Manuel, e antipatisar, por birra, com o sr. Teixeira Gomes? Pois não vê que estão no arraial monarquico todos aqueles que teem «interesse» na restauração da monarquia, e só encontram «prejuizo» na conservação da Republica?

A monarquia constitucional portuguesa, como todas as monarquias constitucionais, representou a posse do Estado pelos aristocratas ligados com a burguezia, em armisticio e aliança, para dominio do povo. O desmoronamento deste dominio, iniciado em 5 de Outubro, é obra que «nunca» — leia-se bem: «nunca» — poderá ser do agrado, ou simples tolerancia (porque não é da conveniencia) das classes expropriadas. Mesmo quando dominem a Republica — como agora sucede —, as chamadas Forças Vivas nacionais tendem sistematicamente para a consolidação da sua defeza pela restauração da monarquia (levada, se fôr possivel, ao despotismo na formula integralista); procuram a cada passo destruir a situação republicana, que as mantem em evidente perigo pela sua necessaria tendencia para a verdadeira Democracia.

Não, e duas vezes não! Os monarquicos portugueses não abandonam e nunca abandonarão seu idealismo monarquico porque esse idealismo representa a sintese do seu interesse de classe. Clero, nobreza e alta burguezia, com os seus apaniguados e inconscientes fanatizados, estão do lado de lá; e continuarão a estar, emquanto se não resolverem ao suicidio — o que é muito pouco provavel.

Se tivesse olhado á sua volta, com vontade de ver, quando falava na Sociedade de Geografia, Cunha Leal teria reconhecido que a maioria dos ouvintes — e principalmente aqueles que entusiasmados o aplaudiam — eram apenas monarquicos — monarquicos das incursões, das juntas, de Monsanto, do quotidiano combate politico — ; e que a meza da presidencia, formada por três antigos monarquicos, reduzia as suas aspirações ao significativo «Viva Portugal!» do sr. Ginestal Machado. Não viu; não compreendeu que o motivo da presença daqueles homens era apenas o seu interesse de classe vencida, a esperança de uma aberta no caminho da monarquia. Pois póde porventura Cunha Leal convencer-se de que os monarquicos o iam aplaudir e auxiliar na sua tentativa dictatorial se ela representasse um esforço para consolidação da Republica?!

Esta infantil esperança da abdicação dos monarquicos em face de um dictador republicano já não é admissivel depois do que se passou em Portugal em torno da figura de Sidonio Pais — repetição, adaptada, da situação Napoleão III em França, e do dominio militar de Martinez Campos em Espanha —. A conclusão final chama-se sempre monarquia; e conforme as possibilidades do momento, é Monsanto em Lisboa, golpe de Estado de 2 de Dezembro de 1851 em Paris, e pronunciamento a favor de Afonso XII em Murviedo.

Falando pelos monarquicos Cunha Leal não compreendeu a realidade. Temos de acreditá-lo quando fala de si proprio. E doridamente eu verifico que o companheiro de Machado Santos, o deputado da campanha contra o presidentismo, o orador dos comicios do Apolo e d Coliseu, o «leader» do Partido Popular, anda agora gritando aos quatro ventos que «a questão de regimen passou para um plano secundario». Passou apenas para ele, que para os monarquicos — insisto — continua e continuará em primeirissimo plano...

* * *

A que proposito, e com que fim, que não fosse o de agradar ao ambiente, invocou Cunha Leal, no seu discurso, um trechozinho de um livro de Ernesto Charles? Poderá convencer alguem a barata apologia do absolutismo que no trecho se apresenta? Pois porventura «os progressos da civilização devidos ao poder absoluto pessoal de Richelieu, Luiz XIV, Pedro o Grande, Frederico II, e tantos outros» são comparaveis aos progressos do Liberalismo, ou da Democracia? No mundo moderno, onde existem fócos de realização espiritual e material que se chamam as Democracias, americana, inglesa, francesa, e até alemã, será licito preferir a obra — necessaria a seu tempo, mas inferior para comparação — dos Cézares do passado?!

A prosa futurista do quasi-incognito Ernest Charles parece ser a apologia do dominio absoluto dos «imbecis a quem Deus confiou a missão de cumprir os seus ocultos designios». E assim quasi se deduz que Richelieu, Luiz XIV, Pedro o Grande, Frederico II — e talvez entre nós D. João II e Pombal — foram simples mediocridades; e só conseguiram realisar obras uteis e progressivas pela magica virtude dessa maravilhosa panaceia: «o poder pessoal absoluto» (remedio tão milagreiro que, mesmo aplicado por idiotas, dá excelente resultado)...

Se o capitão Cunha Leal houvesse estudado — como pretendeu fazê-lo para a Revolução Francesa — o «significado no campo economico» da acção exercida por esses dominadores absolutos, seria forçado a reconhecer que o seu triunfo derivou da absoluta oportunidade social das obras que realisaram. Todos eles, incluindo D. João II e Pombal, governaram a favor do Povo contra as classes dominadoras do tempo, iniciando a derrocada das barreiras da economia feudal, pela integração de todas as actividades na econimia geral da nação, campo mais vasto aberto á troca dos produtos, que tornou possivel a aparição do industrialismo moderno. A Revolução Francesa, e as revoluções europeias que se lhe seguiram — como a de 1820 em Portugal — representam a consequencia historica da actividade destes dominadores. Se os «sans-culotte» franceses poderam gritar em Valmy «Vive la Nation!», foi porque encontraram a Nação já formada pelo esforço aglutinador de Richelieu, herdado e continuado pelos Luizes XIII, XIV e XV. Estes «Cézares» venceram porque representavam o interesse social da sua época. Não realisaram obra de progresso por serem absolutos, e apenas poderam ser absolutos, porque realisavam obra de progresso.

Veja-se em Portugal D. João II, justiçando e apunhalando os nobres semi-feudais «pola ley e pola grey». E' ele quem realisa a unidade politica portuguesa, tornando assim possivel ao seu herdeiro o esforço nacional das descobertas e conquistas; veja-se Pombal degolando os Tavoras, abolindo em parte a escravatura, lançando as bases da organisção industrial mercantilista — o seu absolutismo é a centralisação unificadora do Estado

(Ver continuação na 3.ª pagina)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Zileri Dal Verme, D. Maria Helena Vanzeller Gueder, D. Sara Buiza Maria Portocarrero da Mota Ferreira Cardoso e D. Maria Zulmira de Marcos Carvalho.

E os srs.:

Alfredo São Mamede, Tomaz de Almeida Caiola, Henrique José Monteiro Pereira e o maestro Augusto Machado.

Casamentos

Realizou-se ha dias na Bazilica da Estrela, o casamento da sr.ª D. Maria do Pilar de Sampaio Vieira, gentil filha da sr.ª D. Inês Sampaio Vieira e do sr. Inacio de Araujo Vieira, com o distinto clinico em Coimbra, sr. dr. Octavio do Rego Costa, filho da sr.ª D. Maria da Gloria Rego Costa e do sr. Francisco Rego Costa, já falecido, tendo servido de madrinha a mãe da noiva e a tia do noivo sr.ª D. Maria José do Rego da Costa e de padrinhos o pai da noiva sr. Leopoldo José Seabra.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residencia dos pais da noiva um finissimo «lunch» da Garrett, partindo depois os noivos para a quinta de Entre-os-Rios, perto do Cacem, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

—Pela senhora D. Berta de Melo e Brito Garcez Palha de Almeida e pelo sr. Manuel de Mesquita Pimentel de Pavia, foi pedida em casamento para seu irmão e enteado sr. Octavio de Melo e Brito Garcez Palha de Almeida, filho da senhora D. Joana Ferreira Pacheco de Melo e Brito e do sr. Francisco de Melo e Brito Garcez Palha de Almeida, já falecidos, a senhora D. Paulina Rolin Geraldes Barba, gentil filha da senhora D. Helena Rolin Geraldes Barba e do sr. dr. José Antonio Marques Geraldes Barba.

O casamento realizar-se-ha por todo o proximo ano.

—Na paroquial igreja de Avides, em Vila Nova de Famalicão, realizou-se ha dias o casamento da senhora D. Maria Guilhermina Guimarães, interessante filha do sr. Antonio Duarte Guimarães, com o sr. Simão Botelho Castelo Branco, filho dos falecidos srs. viscondes de S. Miguel de Seide e neto do saudoso escritor sr. Camilo Castelo Branco, tendo servido de madrinhas as senhoras D. Laura Guimarães, irmã da noiva e D. Raquel Correia Botelho Castelo Branco, irmã do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Alberto Veloso de Araujo.

Os noivos partiram para Coimbra, onde foram passar a lua de mel, vendo-se na «corbeille» grande numero de artisticas prendas.

—Foi pedida em casamento pela senhora D. Adelina Luisa da Assunção da Silva Gaspena, esposa do sr. Antonio José da Silva Gaspena, para seu filho Afonso Carlos, a senhora D. Isaura de Carvalhal Esmeraldo Freitas, gentil filha da senhora D. Beatriz Carvalhal Esmeraldo.

O casamento deverá realisar-se no proximo ano.

—Realisa-se no proximo sabado o casamento da senhora D. Maria das Dores com o sr. Abel Carlos Gomes.

—Pelo sr. Antonio da Fonseca foi pedida em casamento, para seu filho o sr. Alfredo de Azevedo Fonseca, tenente de artilharia, a senhora D. Maria do Rosario Moreira e Costa, gentil filha do sr. Caetano José da Costa e da senhora D. Joana Gomes Moreira e Costa, já falecida.

Iniciativas de arte

E' cada vez maior o interesse que está despertando a primeira recita da série «Pelo Teatro», que um grupo de senhoras, coadjuvadas pelo brilhante homem de teatro que é o sr. Augusto Pina, iniciam no teatro de S. Carlos, na noite de 3 do proximo mês de janeiro, em cujo programa figuram varios actos de peças de teatro português, francês e scandinavio.

Começamos hoje a publicação da nota das pessoas que já têm bilhetes para a primeira recita.

Madame Cardoso de Oliveira, embaixatriz do Brasil; Madame Bonin, ministra da França; condessa de Santar, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Maria de Lencastre Van-Zeller, D. Alice Assis Furtado, condessa de Seisal, D. Luisa Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Maria José Ortigão Burnay Gusmão de Moura, D. Maria Teresa de Lima Mayer de Magalhães, condessa de Calhariz, Laura Reis Ribeiro Ferreira, Madame Millet, condessa de Carnide, D. Henriqueta de Oliveira Moreira de Almeida, D. Aida Mourão Ayres de Magalhães, D. Branca de Gonta Colaço, D. Maria de Azevedo Bourbon de Castro, D. Irene de Gonta, D. Teresa de Melo Breyner Pinto da Cunha, etc., etc.

Agenda

A'manhã, a nossa sociedade «smart» dará, de tarde, «rendez-vous» nas «matinées» do Colisen dos Recreios, Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes, e á noite, no Avenida, recita da mode, com a engraçada opereta portuguesa «O João Ratão».

Em viagem

Do Porto, regressou a Lisboa o sr. João Adelino Monteiro Vacondeus, prior da freguezia do Sacramento.

A sr.ª viscondessa do Bom Sucesso regressou de Santo Tirso, á sua casa em Lisboa.

—Para Gondim partiu o sr. dr. José Maria Rodrigues.

—Com sua esposa a senhora D. Sára Pinho Menezes Sampaio, regressou de Paris o sr. Antonio Sampaio.

—A senhora condessa de Taboeira, acompanhada de sua irmã a senhora D. Natalia Muñoz y Puig, e de sua interessante sobrinha senhora D. Arcelina Valente Moreira (Saboeira), regressou da sua quinta de Taboeira, perto de Aveiro, á sua casa em Lisboa.

—Com sua esposa a senhora D. Maria da Gloria Judice de Magalhães de Barros, regressou da Praia da Rocha á sua casa em Lisboa, o sr. Antonio Judice de Magalhãs de Barros.

—De Lisboa, regressou á sua casa de Infias, em Braga, o sr. José Borges de Faria.

—Regressou de Viana do Castelo a Penamacor, Beira Baixa, a senhora D. Barbara Esteves Cordeiro.

—Da sua casa da Ponte, em Caide, regressou á Foz do Douro, o sr. José Rosas.

TEATRO SÃO LUIZ
—— CONCERTOS BLANCH ——
DOMINGO 30, matinée—8.º conc. de assinatura
Orchestra Sinfonica Portugueza
dirigida pelo Kapellmeister JOSEPH LASSALLE
director da Orchestra Philarmonica de Munich
3 notaveis primeiras audições — Obras de Cesar Franck, Julio Gomez, Luiz de Freitas Branco e Wagner. Bilhetes á venda.

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
SEXTA-FEIRA, 28 — 3.ª Recita de assinatura
PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO
a peça
AUSPICIOSO ENLACE
original de André Brun e Carlos Selvagem

= POLITEAMA =
Emp. Luís Pereira Telef. 3028 N.
COMP.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE — A's 21,30 — A representação da peça em 3 actos, de CHAGAS ROQUETTE
O POMBO MARIOLA

APOLO Tel. N. 4129
HOJE — A popular revista
VIDA AIRADA

Coliseu dos Recreios
Ultimos dias da grande companhia de circo
A grande companhia de circo que, com tanto sucesso, se tem exibido no Coliseu dos Recreios está dando ali os seus ultimos espectaculos, visto que termina o seu contrato, irrevogavelmente, no dia 1 do proximo mês de janeiro. Sendo muito para admirar os magnificos e sensacionais trabalhos que ela executa, devem aproveitar todos os que ainda não viram o formidavel e emocionante exercicio do *Bolide Humano* os poucos dias que já se demora em Lisboa o mais arrojado e arriscadissimo numero que se tem apresentado em Portugal.
A'manhã realisa-se uma grandiosa e surpreendente *matinée*, estando desde hoje os bilhetes á venda.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.
Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta; ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

UMA CONFERENCIA

Cunha Leal

e a questão DE REGIMEN

(Continuação da 2.ª pagina)

para a edificação da economia nacional. O poder absoluto destes homens é simplesmente o absoluto poder do interesse social que representam.

Estes «imbecis» — no entender de Ernest Charles — souberam compreender e representar a sua época. O talento — que o tem — de Cunha Leal não sabe compreender a nossa. Porque a nossa época chama-se (ou antes tem necessariamente de se chamar) Democracia; e é incompativel com todos os cezarismos de chapeu alto ou barretina. Não afirmo apenas; hei de demonstrar quando no acompanhar da conferencia chegar momento propicio.

* * *

Preparado assim o espirito do seu inflamado auditorio, enfiou Cunha Leal no caminho das afirmações enormes:

«Nós eramos os filhos espirituais da Revolução Francesa. Mas depois da guerra, o individualismo classico dela nascido, entrou em franca decadencia. As gerações actuais pretendem varrê-lo convertendo assim a grande conflagração numa revolução superior áquela».

Eramos, somos, e seremos. Se Cunha Leal houvesse lido com atenção as paginas de Gustavo Le Bon sobre a «Vida das Verdades», teria habituado o seu espirito á ideia de que as doutrinas politicas não se «varrem», como cisco do passado. Formulas de compreensão e realisação de diversos estados sociais, são alteraveis na sua rigidez como os proprios estados que definem, sujeitas á constante evolução que é Lei Fatal da Natureza. Não existe em sciencia social a Verdade Absoluta — como não existe em sciencia alguma —; ha doutrinas e teorias que constantemente se amplificam e completam, em constante ligação com a realidade que constantemente vai revelando novos aspectos das coisas. A doutrina da vespera, abrangendo certos conceitos de verdade, é a base sobre que tem de assentar a doutrina do dia sguinte. E por isso ainda hoje nós todos, mesmo os ateus, somos filhos espirituais do cristianismo que nos moldou nos principios da bondade e da piedade humana; nós todos, até mesmo socialistas, somos filhos espirituais do imperialismo romano, que nos educou na compreensão do municipio e do Estado como formulas de organisação social; e continuaremos sendo filhos da Revolução Francesa, que não criou, mas consagrou, o respeito pela Liberdade e Dignidade Humanas, a que alguns agora chamam individualismo. E' por virtude desses principios, que para aí pretendem «varrer», que o capitão Cunha Leal, filho de pobres, sem pergaminhos, póde — com legitimo orgulho — ser quem é nesta terra; e é por virtude do exagero desses principios que, sendo ministro da Republica em nome da Constituição, poude fazer uma conferencia em que pede ás botas do exercito meia duzia de ponta-pés na Constituição.

Se Cunha Leal houvesse reflectido bem no significado da Revolução Francesa como — e ele proprio fala — «onda que varreu todos os obstaculos que a antiga organisação feudal opunha á livre troca de produtos entre as varias regiões da nação» compreenderia que a «livre troca» tinha de realisar-se entre os «varios habitantes da nação», transformados, de simples produtores que eram no feudalismo, em «produtores-consumidores» que são na civilisação moderna. Foi com esta finalidade economica que a burguezia do Terceiro Estado realisou a Revolução — para transformar em consumidores dos seus artigos comerciais e industriais, os miseraveis até ali sequestrados pela economia cantonal do feudalismo —.

A libertação politica foi apenas a prévia e indispensavel base desta libertação economica.

Mas mais tarde aparece — pela progressão tecnica que amplificou a oficina — o capitalismo moderno; e este já não póde aceitar integralmente a doutrina da emancipação e enriquecimento do individuo. De facto, se por um lado o industrial capitalista carece de compradores com poder economico sempre crescente, para consumir a sua sempre crescente produção; produção, por outro lado, forçado pelas necessidades da concorrencia, e pela ganancia pessoal, procura obter esta produção em condições cada vez mais vantajosas, reduzindo o salario, e substitutuindo o braço pela maquina.

E' assim que o capitalismo individualista — em extranho paradoxo — apesar de precisar do consumidor enriquecido que lhe compre o artigo, realisa o assalariado empobrecido que não tem força de compra. E como unica solução para este contrasenso, o capitalismo impõe o imperialismo economico, aceitando, em formulas de Democracia, o relativo bem estar dos trabalhadores nacionais para compensar vendendo, á força por vezes, os seus produtos aos consumidores externos que sistematicamente vão sendo arruinados pela compra sem contrapartida de venda.

O defeito não está na Revolução Francesa que quiz, e realisou, o «consumidor livre»; está no «capitalismo moderno» que deseja e realisa o «produtor escravisado»; e apela para a Ordem quando impõe o seu contrasenso aos explorados do interior, e para o Patriotismo quando o impõe aos explorados do exterior. Num caso e no outro o seu predilecto elemento de acção chama-se o Exercito.

Este estado de coisas não foi modificado pela Guerra — como Cunha Leal candidamente pensa — foi apenas «sublinhado», posto em maior evidencia.

A chacina da Grande Guerra é a girandola final do imperialismo economico; e a geral falencia da Paz é a total revelação do paradoxo, previsto por Norman Engels. Ha pessoas que porque gostam de jogos de artificio querem repetir o espectaculo. Os cultores desta tragica pirotecnia são na hora actual os srs. Poincaré, Mussolini e Primo de Rivera; o discipulo entre nós — e que exagerado discipulo! — está sendo, pelo visto, o sr. Cunha Leal...

* * *

E permita V., sr. Director, que faça pausa neste ponto, para continuar — se m'o consente — em um dos proximos numeros.

Desde já lhe agradece o que é de V. etc. — *Amancio de Alpoim*.

Atophan SCHERING
Não existe remedio egual a este para combater a GOTA, o RHEUMATISMO ARTICULAR, a DOR SCIATICA, Rheumatismo lombar, etc.
ELIMINA O EXCESSO DE ACIDO URICO
EM TODAS AS BOAS FARMACIAS

GUY D'OLIVEIRA
ANALISES CLINICAS
Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo *Prof. Dr. Ayres Kopke*
Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann
Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes
R. Garrett, 74-1.º Telef. C. 4186

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

S. CARLOS Telef. C. 3063
HOJE: — PENULTIMA REPRESENTAÇÃO
A interessantissima peça
A CASTELÃ
Notabilissima creação de LUCILIA SIMÕES
O teatro mais vasto e concorrido, e, tambem, o mais barato

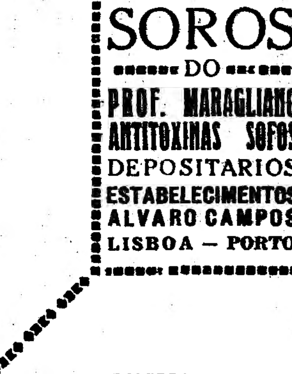
AVENIDA Telefone N. 4356
— Companhia Satanela-Amarante —
de que faz parte Nascimento Fernandes
HOJE — A rainha das peças
A deliciosa e encantadora opereta
O João Ratão

Hoje no Hoje
TEATRO SÃO LUIZ
O grandioso e extraordinario exito
A celebre opereta de FRANZ LEHAR
FRASQUITA
Protagonista: AUZENDA DE OLIVEIRA

Aviso ao publico
A Empresa do Coliseu dos Recreios previne o Ex.mo Publico de que a actual companhia de circo que se está exibindo naquela casa de espec aculos termina o seu contracto no proximo dia 1 de janeiro, tendo, portanto, a população de Lisboa já poucos dias para admirar o sensacional e arriscado trabalho do BOLIDE HUMANO, que é o mais emocionante que se tem apresentado em Portugal.

LOJA
TRESPASSA-SE
20 metros de fundo e 6 de largura
Casa de habitação e quintal
Trata-se das 3 ás 5 na mesma, **Avenida Elias Garcia, 118** (ao Campo Pequeno)

SOROS
DO
PROF. MARAGLIANO
ANTITOXINAS SOFOS
DEPOSITARIOS
ESTABELECIMENTOS
ALVARO CAMPOS
LISBOA — PORTO

METE-SE PELOS OLHOS

A VANTAGEM DE COMPRAR
Fatos feitos
CAPAS Á ALEMTEJANA
SOBRETUDOS DA MODA
na
CASA DAS TESOURAS
51-51A RUA DA ESCOLA POLITECNICA 53-55
- PERES & ABRANTES, SUC.es -

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

COLARES-BURJACAS
O melhor vinho de meza

A Cidade

GRANDE RESTAURANTE
SOLAR DA ALEGRIA
Praça da Alegria
ABERTO TODA A NOITE

Chá das cinco

Historia de uma borboleta

Eu estava á janela, com todo o ar burguez de quem está á janela, e vi uma borboleta. Era uma linda borboleta, de grandes azas doiradas como as nossas ilusões —uma borboleta que vinha de passar a estação calmosa numa quinta de Loures, onde ha flores, sol e alegria.

Era, positivamente, uma borboleta cheia da alegria de viver, feliz, aristocratica, mundana, um tudo nada desdenhosa, uma borboleta que tinha voado sobre um coche real—uma borboleta *ancien regime*.

Não era uma borboleta qualquer! perfumada de frivolidade e de elegancia frustre, como certas borboletas que passam pelo Chiado e a quem nós tiramos o chapeu.

Esta soube o que era o esplendor dos grandes dias, voou sobre os penachos de gala da guarda municipal em dia de parada, tocou com os seus helitros doirados um manto de arminho, chegou mesmo a poisar sobre a farda estrelada dum general.

Era uma borboleta historica. Conheceu o amor e a gloria, noivou o sol, dormiu sob as estrelas.

Quando o mundo gemia debaixo de um pesadelo torturante que subia dos campos de batalha e alastrava por toda a humanidade, a minha borboleta tingia o oiro velho das suas azas na chaga purpurina de um guerreiro que morreu a cantar a *Madelon*.

Entrou em Paris ao som da *Marselheza* e passou, por curiosidade, entre o Arco do Triunfo e as varetas reluzentas das baionetas.

Vivia agora retirada numa quinta de Loures, onde havia as mais lindas flores de Portugal. Em noites de lua cheia, sonhava embriagada de perfume.

Mas como lhe viesse a nostalgia da cidade e no campo começassem a soprar as primeiras brisas do outono, uma bela manhã bateu as azas e veiu passar, tonta de sol e alegria, debaixo da minha janela.

Fez o encanto dum bebé que brincava com um balão e deixou o aerostato para seguir, contente, a borboleta. Foi uma primavera que entrou na minha rua.

Mas um gato faminto que andava por ali a cheirar a hipotese de uma sardinha, viu a borboleta e mexeu as orelhas. O patife escondeu-se dentro de um portal, formou o salto, e quando ela ia a passar—zás!—era uma vez uma linda borboleta, de grandes azas doiradas como as nossas ilusões.

E eu resolvi-me então a contar esta historia, que é de todos os tempos e de todas as cidades.

Norberto Lopes

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50—CHIADO—LISBOA

AOS FUMADORES

Cigarros e charutos das mais acreditadas marcas, e das melhores procedencias e em lindas caixas proprias para brindes encontram-se á venda na

TABACARIA MONUMENTAL

R. Eugenio dos Santos, esquina da R. Jardim do Regedor onde igualmente se vendem as mais modernas colecções de postais ilustrados, figurinos, ilustrações e jornais estrangeiros. Importação directa

TRADIÇÕES FESTIVAS

O Natal DOS POBRES

O que foi o dia de ontem

nas cadeias, nos hospitais e nas ruas

Este Natal que cabe no coração dos pequeninos e tem um ninho de ouro, onde nasceu Jesus, o primeiro anjo, e um grande pinheiro, suave e doce, burilado de neves, que suavemente se deixa florir por mãositas tremulas como azas—tem tambem a sua amargura, a sua saudade, a sua tristeza...

Os pobres não morrem, andam por todos os caminhos, á chuva e ao frio. A pedra dos hospitais, como a pedra das prisões, é eterna; espera sempre a vida, para a liquefazer em lagrimas, lagrimas que rebentam todas as madrugadas, mesmo que Jesus, lá longe, na distancia de vinte seculos, numa patria ignorada de luz e de aromas, nasça sob o bafo maternal da jumentinha.

Mas para lá da nossa alegria, o que existe? A luz tem sombras! A sombra tem almas! As almas têm lagrimas!

Vamos por elas e desçamos ás prisões. Que universo de vidas ali remexe! Mesmo isoladas do mundo, azas que não podem voar, porque logo se magoam, elas sentem no, elas compreendem-no. E' que a alegria infiltra-se; e a cidade deserta, magnetisada de silencio, cavar mais e mais o vacuo das cadeias.

A luz é outra; não vem ninguem; caem os braços desamparados; quedam se os presos a pensar. E, como naufragos, lutando com a onda do esquecimento, vem as saudades, saudades de um, saudades de outro, chama que cresce e não dá calôr.

Ontem ninguem foi preso. Só uma mulher. Uma mulher velha. Uma mulher que bebeu, que rolou na valeta, taboa dum ceu desconjuntado que a vaga da vida atirou aos pés da lei. Levaram-na para o calabouço e poz-se a rir. Sonhou alto, e toda a noite andou com muito frio, pizando neve, esfarrapadinha, com o coração gelado, e nos braços o gesto tremulo de embalar...

Hoje de manhã, acordou doida. Scentelha vermelha de loucura que lhe lambeu num instante o passado e lhe deu uma alma de creança, tão pura, tão linda, tão doce, que fala, sorrindo... sorrindo, como se nascesse outra vez para o mundo.

Depois das cadeias, os hospitaes. Não ficam longe. A dôr só tem um envolucro: a alma.

Nas enfermarias, o dia de ontem foi como todos os outros? Por fóra, foi! Por dentro dos corações, não.

Vão até muito longe aqueles scenarios brancos, dolorosos, que a luz e os rostos cansados doiram em transparencias infinitas e delicadas. São as camaratas. Seguimos por esta, que é das creancinhas. Assim, deitadas, com os olhitos muito abertos, luz que acaba de romper, como aza de crisalida; mãos estendidas, que não tiveram brinquedos; corpitos mortos que já não sentem a côr, lembram uma outra infancia, replica tragica e abandonada dum presepio luminoso e santo: o de Jesus.

A' superficie dos olhos das crianças paria uma pregunta, pregunta essa que tem um infinito de maldição apesar de muda, que se enrodilha na nossa consciencia, que fica vibrando, interrogando. E' aflitiva, mas tem perdão, porque não lembra á alegria, o quinhão de oiro que lhes roubaram—e não interroga aqueles que as abandonaram ali; nem vai mesmo pairar sobre os lares, onde outras crianças, dando as mãos cantam o seu Natal!

Ruas dos pobres, patria santa dos mendigos que andam com os apostolos a pedir esmola, pelas chagas de Cristo. Pertence-lhes o Natal dos outros—Natal que é feito de migalhas, de muitas recusas, de muitos cansaços, de muitas lagrimas perdidas, de pão duro.. Ruas desertas.. Não anda ninguem! As janelas fechadas, hostilmente. Passam, apenas, os cegos a cantar loas da natividade. O canto é aroma de flôr já seca e vai desgrenhando-se, perdendo-se, cinza de saudade, que é a vida a correr desde criança, para o fundo dos corações dos velhos.

O que cantam os pobres? A sua vida tragica, errante, desprendida da vida, como folha de arvore que o vento leva, atè junto ás outras, sacode, faz montão e atira á valeta—lava apodrecida de todas as cidades, que caldeia oiro e estrelas e jamais se extingue.

CONFERENCIA

No dia 29 do corrente, pelas 21 horas, na sala da Associação dos Lojistas, na Avenida da Liberdade, 19, realiza uma conferencia o sr. Antunes dos Santos, relativa ás sociedades anonimas e á necessidade de se assegurar a fiscalização por parte dos accionistas em muitas delas, o que deve interessar aos possuidores dos titulos.

A' FACADA

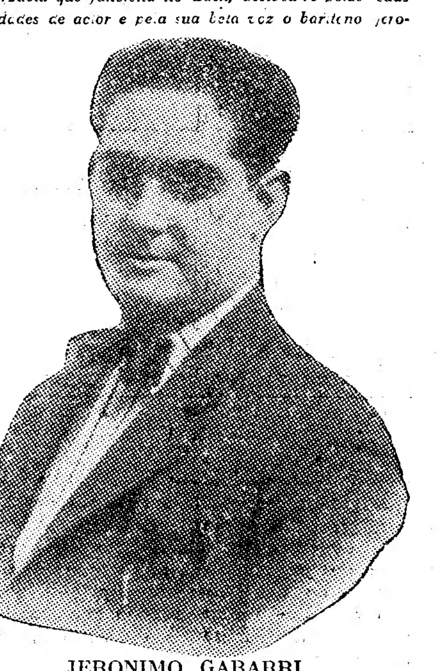
Foi preso Alvaro Gabriel Gouveia, soldado ferrador n.º 1531, por agredir com duas facadas Manuel Lourenço Alves, rua de S. Marçal, 35. O agredido, depois de pensado no posto da Misericordia, recolheu a sua casa.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Pelos teatros

A zarzuela

De entre os artistas que fazem parte da companhia de zarzuela que funciona no Eden, destaca-se pelas suas qualidades de actor e pela sua bela voz o baritono Jeronimo Gabarri que no «Gato Montês», na «Monteria», na «Benamor» e noutras peças, tantos aplausos colheu. Gabarri tem tambem um interessante papel na «Tempestad» que hoje se estreia.



JERONIMO GABARRI

Carlos Bettencourt

Carlos de Bettencourt escritor brasileiro que ainda ha pouco esteve entre nós e ao «Diario de Noticias» deu as suas impressões, colhendo neste jornal as melhores amizades, acaba de chegar ao Rio de Janeiro, sua terra natal, sendo ali entrevistado pelo diario «A Noite». Falando da sua viagem a Portugal e a Paris, Carlos Betencourt interrogado sobre se gostara do nosso paiz, respondeu:

—Muito. Como acontece com o lusitano que chega á nossa Guanabara; Portugal é um ninho de caricias para o brasileiro. Tambem é grande o coração do português. E, entre os escritores e literatos da moderna geração, eu estava cercado de gentilesas. Compartilhei da bondade daquela grande familia de humoristas e poetas, todos muito amigos, o que é dificil, pois, nessas rodas costuma imperar a inveja. Em Portugal, porém, não existe nada disso: são como irmãos.

—E o teatro em Portugal?

—Ultimamente, resente-se da falta de originais. Não porque escasseiem autores, mas pelo facto de que os empresarios só querem trabalhar com peças em «reprise» José Loureiro é o empresario do momento, para quem convergem os principais negocios de Lisboa e Porto. Está com os olhos fixos nas grandes obras do teatro da Trindade e que já vão por 2.500 contos! Será em breve a melhor casa de diversões para os lisboetas, de uma construção solida e elegante.

—Tratou de um intercambio teatral?

—Combinei com a parceria Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, um negocio para o teatro de operetas. Com Cardoso de Menezes, meu amigo e colaborador, farei a metade de peças desse genero, para que aqueles nossos colegas de Portugal as concluam e façam representar nas companhias Amarante-Satanela e Armando Vasconcelos.

«Pelo Teatro»

Devido á montagem dos scenarios para o «Auto do velho da horta» e para o «Fausto»—obra que depende muito de efeitos de luz—ficou adiada para quinta-feira, 3 de janeiro, a primeira recita extraordinaria da «Pelo Teatro», brilhantemente organisada por Augusto Pina que estava marcada para depois de amanhã, em S. Carlos.

A musica, composta pelo maestro Francisco de Lacerda, para o «Fausto», será executada no orgão, por D. José Bene.

Atrás do reposteiro

A'manhã realisa-se no Apolo a festa artistica das gentis actrizes Amelia Figueiroa e Cesaria Henrique, com um magnifico programa. No espectaculo tomam parte, entre outros, os seguintes artistas: Maria Izabel, Irene Benamora, Alberto Ghira, Brazão Gamboa, a bailarina Carmen Mora e a pequena Arlete Soares. Adelina Fernandes cantará a «Canção das perdidas».

—Todos os teatros de Lisboa esgotaram ontem as suas lotações, havendo alguns que as tinham vendidas desde a vespera.

—Estreia-se hoje no Salão Foz a actriz-cantora Georgina Gonçalves («Gina Gonçalves»), que tanto exito alcançou na sua «tournée» pela America do Sul.

—Hoje realisa-se no Coliseu dos Recreios um surpreendente espectaculo em que tomam parte todas as celebridades de circo, que executarão novos e variados trabalhos.

A'manhã efectuar-se-ha uma grandiosa «matinée» com magnificos atractivos.

—Noticias hoje recebidas do Porto dizem que os teatros daquela cidade tambem ontem fizeram esplendido negocio, principalmente o Sá da Bandeira, o Aguia de Ouro e o Nacional.

ESCOLA MODERNA
de escrita á maquina
R. do Arco do Bandeira, 231
LISBOA

A Cidade

Á venda:
«DE TEATRO»
Numero especial NATAL
Contem: a peça do Dr. Campos Monteiro «O Crime de uma mulher honesta», e colaboração de Santos Tavares, Armando Ferreira, etc. Desenhos de Amarelhe, etc. etc.
CERCA DE 100 PAGINAS.

UM CASO DE ARTE

O frontão do palacio de S. Bento e o resultado do concurso

Fala Baltazar Teixeira

Sobre o já tão discutido caso do *frontão* do Parlamento, disse-nos esta tarde o sr. dr. Baltazar Teixeira, deputado e vogal da comissão administrativa do Congresso da Republica:

— A comissão administrativa, na qual eu tenho um voto, classificando em primeiro lugar a maquete da autoria do sr. Simões (sobrinho) procedeu de harmonia com o parecer do juri.

— Porque não foi publicado ainda esse parecer?

— Não tinha nada que ser publicado. Todavia, como deseja, poderemos ceder-lho, tanto mais que me parece ser essa a vontade do seu jornal...

Sorrimos, e o sr. Baltazar Teixeira mostranos, realmente, o referido parecer. Na impossibilidade de o transcrevermos na integra, vamos dar aos leitores algumas das mais elucidativas passagens.

A comissão, composta de três artistas, nomeados pela Sociedade Nacional de Belas Artes, começa por limitar os aspectos sobre os quais deve encarar os referidos trabalhos, estabelecendo as bases que a seu vêr definem a obra — e que são as seguintes:

1.º — *A composição do conjunto dentro da forma triangular imposta pelas molduras e a sua relação com o caracter arquitetonico do edificio.*

2.º — *A harmonia dos grupos e atitudes e a sua expressão.*

3.º — *O equilibrio de volumes ou seja o claro-escuro da composição.*

4.º — *A factura quando defina linhas ou manchas expressivas.*

Seguindo este criterio, analisa cada uma das *maquettes* apresentadas, pela ordem porque foram expostas no edificio do Congresso: *Democrito*, de Francisco Santos; *Portugal glorioso*, de Moreira Rato; *Lex*, de Anjos Teixeira; e *Patria*, de Simões de Almeida (sobrinho).

Na impossibilidade de transcrevermos as opiniões referentes a cada um destes trabalhos, o que levaria muito espaço, damos, apenas, aos leitores, as que o juri resolver dar sôbre o que foi classificado em primeiro logar, pela comissão administrativa do Congresso, seja a *Patria*, de Simões de Almeida (sobrinho).

— É a que tem mais unidade e melhor agrupamento.

As massas são bem equilibradas e a escola está absolutamente respeitada. A atitude das figuras tem ritmo, embora impregnadas de academismo. É este o seu principal defeito.

* * *

Outro lado da questão, agora, a legalidade do concurso.

Preguntamos ao sr. Baltazar Teixeira:

—O concurso foi publico, não é verdade?

—Certamente.

—Publico—mas os nomes em envelope fechado.

—Sim, senhor.

—Como se explica, pois, que um jornal da manhã tivesse dado, no proprio dia da exposição, o nome dos quatro concorrentes?

—Era facil. Quem está habituado a vêr obras d'arte... Por exemplo: um quadro de Columbano, vê-se logo que não é de Carlos Reis ou de Salgado.

—Por conseguinte os envelopes...

—Foram abertos depois de dado o parecer do juri.

Eis o que nos disse o sr. Baltazar Teixeira. Dispensamo-nos de comentar.

Politeama HOJE
O POMBO MARIOLA

O ULTIMO MOVIMENTO

As acusações DOS REVOLUCIONARIOS contra o ultimo governador civil

Tem a palavra o sr. dr. Antonio Videira

O sr. dr. Antonio Gonçalves Videira, distinto advogado, cuja passagem no Governo Civil, como chefe do distrito, se assinalou por um notavel espirito de tolerancia, aliado a uma energia disciplinada e sem facetas agressivas, falou hoje ao «Diario de Lisboa»:

—Pois que os jornais já disseram, parece, o que pretendiam revelar e tão estrondosamente prometeram sobre o que chamaram a minha cumplicidade na ultima tentativa revolucionaria, para que as pessoas de boa-fé não sejam levadas a julgar ou raciocinar mal, estou resolvido a falar.

—O que se tem dito..

—E' absolutamente falso e calunioso. Não preparei o movimento; não tive nele qualquer intervenção consciente; só dele soube pela policia e por informações de amigos a ele extranhos. Falei, é certo, com alguns elementos radicais que me procuraram (que eu nunca procurei) e que ainda hoje ignoro se pertenciam ou não ao «comité» revolucionario, pois que a nossa conversa nunca presupôz a existencia de tal «comité». Apenas tive em vista evitar o entendimento dos elementos mais avançados com os democraticos. Creio que é uma acção politica que me era legitimo tomar. Previa-se uma revolução democratica, e, para a hipotese desta ou duma possivel dissolução parlamentar, procurei convencer os radicais, com quem por duas ou três vezes troquei impressões, da vantagem reciproca de nos mantermos unidos contra os democraticos. Mais nada. Nunca assisti a reuniões de quaisquer grupos ou «comités» revolucionarios; nunca jantei com qualquer revolucionario, pelo menos por mim conhecido como tal. Quem o afirmar ou está mal informado ou mente descaradamente!

—Mas o senador Procopio de Freitas disse que o sr. assistiu a uma reunião...

—Sim. Disse isso no Parlamento. No dia seguinte, porém, expontaneamente me declarou este parlamentar que tinha uma rctificação a fazer, pois que, segundo a informação que lhe fôra dada por pessoa fidedigna que se prontificava a apresentar testemunhas, não fôra eu quem na realidade assistira á tal reunião, mas sim alguem — que não nomeou — que lá invocara o meu nome. Parece, todavia, que o sr. Procopio de Freitas se esqueceu de fazer no Senado esta aclaração, ou os jornais de a reproduzir. De resto, ela só para a verdade e para mim tinha importancia!

—Mas desconhece o facto?

—Posso garantir que a ninguem autorisei a, em meu nome, assistir a quaisquer reuniões revolucionarias, cuja existencia, aliás, desconhecia. Se alguem o fez cometeu um abuso por que não posso ser responsavel. E', afinal de contas, um expediente vulgar em materia revolucionaria. Não houve já quem falsificasse um «Diario do Governo»? E, na verdade, eu fui por um oficial avisado de que o tinham querido aliciar em meu nome. Foi o primeiro facto que me denunciou a conspiração. Toda a gente vê o «truc». Vinham falar comigo; adormeciam-me com as suas boas palavras. E, á saida, ao dobrar da esquina, esfregando as mãos de contentes, prometiam-se chapar-me com a revolução na cara. O diabo é que só aqueles desgraçados do «Douro» acudiram á chamada.

—Acusam-no de ter mandado vir o sargento radical Joaquim Henriques Junior...

—Efectivamente, um dia, disse-me um dos tais radicais que era indispensavel mandar vir para Lisboa o sargento da armada Joaquim Henriques Junior, que se encontrava em Faro, pois que, pelo seu grande prestigio entre as praças, só ele seria capaz de segurar a marinha que os democraticos já por duas vezes tinham tentado arrastar para a revolução. Requisitei-o para o meu gabinete — «para evitar que a marinha se revoltasse». Se veio ou não, não sei. Nunca lhe puz a vista em cima. Ora aí tem a decantada historia do «Joaquim da Avó»...

—Acusam-no tambem de ter retido em Lisboa o capitão Lima...

—E' verdade. Apresentaram-me o capitão Lima, pedindo para eu conseguir que ele ficasse em Lisboa, pois que lhe fazia muito transtorno, por falta de meios e por ter aqui a sua familia, a determinada deslocação para Abrantes, salvo erro. Ao fim de dois dias estava realisado o seu desejo. Comparecendo, então, no meu gabinete, disse-me sensivelmente o seguinte: — «Venho agradecer a V. Ex.ª a sua amabilidade e o serviço que me prestou, e, por isso que tenho amigos entre os revolucionarios, dar-lhe tambem a minha palavra de honra de que se alguem lhe vier dizer que eu conspiro, mente». Eu fiquei ignorando a que revolucionarios se queria referir, porque, por delicadeza, não lh'o preguntei. Apesar da sua palavra, conspirou? não conspirou? Estava comprometido no movimento? não estava? — Não sei; nunca mais o vi.

—Sabia do que se preparava?

—Já eu tinha indicios mais ou menos seguros de que os radicais com alguns comunistas preparavam a revolução, quando, uma noite, um dos meus secre-

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

A zarzuela no Eden

Dois espectaculos de sensação

A companhia de zarzuela que tem dado no Eden-Teatro uma brilhantissima série de espectaculos que o publico de Lisboa muito tem apreciado, diz amanhã o seu adeus á nossa capital.

Querida dos lisboetas, amimada pela colonia espanhola, a companhia que o maestro Serafin Rada dirige alcançou entre nós um exito invulgar justamente merecido. Para esse exito contribuiram muitissimo os nomes dos primeiros artistas Selica Perez Carpio, talentosa tiple; Jeronimo Gabarri, um baritono de excelente voz e de excelente escola; Rafael Rodriguez, tenor de nomeada; Emiliano Latorre, comico da cabeça até aos pés e Angel Redondo, actor-comico, tambem, de processos sobrios mas muito seguros pela naturalidade.

Pois a companhia espanhola de zarzuela despede-se amanhã de Lisboa. Mas não o quiz fazer sem oferecer á gente que esta terra habita dois espectaculos de inusitada sensação. O de hoje realiza-se com «La Tempestad», a celebre zarzuela grande em 3 actos, que o grande maestro Roberto Chapi, musicou com extraordinario relevo de sentimento. Em «La Tempestad» entram todos os artistas e coristas da companhia Rada.

A'manhã, dia solene de despedida, sobem á scena a lindissima zarzuela «La Monteria», o mais scintilante sucesso da companhia, entre as peças já representadas, e a graciosissima zarzuela, genero revista, «Las Corsarias», a pedido do publico.

O espectaculo de amanhã encerrará uma interessante surpresa que deve causar sensação.

«FOOT-BALL»

O "Rapid" campeão da Austria venceu ontem o Bemfica por duas bolas a uma

Ontem, no Campo Grande, jogou o Sport Lisboa e Bemfica com o «Sport Klub Rapid», campeão da Austria.

E' o «Rapid» um grupo de fama—mais fama que proveito, quer-nos parecer. Para o vêr jogar, se deslocaram ontem, uns seis milhares de pessoas.

O campeão austriaco bateu o Bemfica por 2 a 1, após uma exibição—agradavel, é certo—mas sem nada que a notabilizasse.

Dos grupos da Europa Central, que nos têm visitado, é o «Rapid» dos mais homogeneos.

Dos elementos que ontem apresentou—e que nos pareceu não constituirem «o melhor»—eis a nossa impressão:

Guarda rêde.—Bom. Calmo, conhecedor, sobrio, seguro.

Defesa.—Regular, com um «back» esquerdo bastante bom.

Meia-defesa.—Com uma caracteristica que desejariamos vêr adoptada pelas linhas médias portuguesas—preocupando-se muito mais com o ataque do que com a defesa.

Ataque—Bons elementos, combinando bem, «shootando» melhor.

No conjunto, o «team» do «Rapid» que ontem se bateu com o Bemfica, é um «team» regular, não muito superior aos nossos bons grupos, mas com caracteristicas muitissimo diferentes.

Mais dominado do que dominador, o Bemfica fez um «match» em que a defesa trabalhou muito bem e o ataque: regularmente.

Quer o grupo estrangeiro, quer o português, marcaram dois «goals» após jogadas aparatosas.

O «Rapid» conseguiu a vitoria, favorecendo dum «frekick» junto da «grande area» defendida pelos vermelhos—«frekick» bem transformado, com um «shot» rasteiro, fortissimo.

A arbitragem de Rosmainho: boa, como de costume.

O publico: bastante correcto.

* * *

MONTEVIDEU, 24.—Os jornais sportivos desta cidade dizem que se vai proceder a uma selecção de jogadores de foot-ball uruguayanos para irem jogar na proxima temporada em França, Espanha e Portugal.—(R.)

Mortos pelo comboio

Dois desconhecidos na Morgue

Em Entre-Campos foi ontem de tarde colhida pelo comboio «rapido» de Madrid, um menor que aparenta ter 14 anos e cuja identidade se desconhece. Sendo conduzido para o hospital de S. José, quando ali chegou era cadaver, motivo porque foi removido para a Morgue.

—Junto ao apeadeiro da Cruz da Pedra, foi tambem colhido ontem, por um comboio, um individuo cuja identidade se ignora e que teve morte instantanea.

"TUDO AMOR"
de ARTUR PORTELA
1 exemplar..... 7$50
Pelo correio.... 8$50
Pedidos á
OTTOSGRAFICA, L.DA
Conde Barão, 50--Lisboa

ALGUMAS DAS PRINCIPAES PROVAS MUNDIAES GANHAS COM GAZOLINA E OLEOS

«SHELL»

EM 1923

Grand-Prix de Boulogne (França) — Os 1.°, 2.° e 3.° premios.

Aerial-Derby — «Raid» Aereo á volta de Inglaterra, 809 milhas.

The King's Cup — Circuito Aereo á volta de Inglaterra.

Grand-Prix de França — Corrida de velocidade em 2 de Julho de 1923. Percurso 799,5 kilometros! 18 concorrentes, dos quaes só 5 chegaram á meta! 1.°, 2.° e 4.° premios.

Corrida Internacional (12 horas) Guadarrama — Circuito de NAVACERRADA. (Automoveis).

Record da Milha — Velocidade média de 137,72 milhas á hora. Maxima velocidade atingida 146,4 milhas á hora. Corrida de Automoveis — Londres-Edinburg (1923).

Record de Velocidade em Motociclette (Inglaterra) — 79,65 milhas á hora.

Corrida de Automoveis — Percurso Sydney-Melbourne (Australia). O antigo record batido por 1 hora e 9 minutos.

Schneider Cup — A maior prova internacional de aviação maritima, ganha pelo tenente David Rittenhause, E. U. A.

The Lisbon Coal & Oil Fuel C.° L.TD

R. DO CRUCIFIXO, N.° 49

LISBOA

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALIZADO	RESERVAS
ESC.: 48:000.000$00	ESC.: 24:000.000$00	ESC.: 30:200.000$00

Séde: LISBOA—Rua do Comercio— Agencia: LISBOA—Caes do Sodré

Filiais no continente: Aveiro, Barcelos, Beja, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Tráz-os-Montes e Vizeu.

Filiais nas ilhas: Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).

Filiais nas colonias: Africa Ocidental—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Uila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

Africa Oriental—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

India—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India Inglesa).

China—Macau.

Timor—Dilly.

Filiais no Brasil: Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

Filiais na Europa: Londres: 9, Bishepsgate E.; Paris: 8, Rue du Helder.

Filiais nos Estados Unidos: New-York: 93, Liberty Street.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paises estrangeiros.

Aliança

A MELHOR MARCA
DE
Bolachas
Biscoitos
Chocolates
Confeitaria
Rebuçados
Assucar
Massas
Pão

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas a 1 de cada mez para todos os portos da Africa Oriental (Provincia de Moçambique) escalando Funchal, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes e Cape Town.

Saídas a 20 de cada mez para todos os portos da Africa Ocidental.

Serviço regular para Anvers, Hamburgo e Rotterdam, onde os nossos navios recebem carga para Lisboa e Porto, e a frete directo para os portos das duas costas d'Africa.

A carga de IMPORTAÇÃO e EXPORTAÇÃO em navios portugueses gosam d'um beneficio pautal.

Frota da Companhia

«Angola», 7:714 toneladas; «Moçambique», 6:536 ton.; «Africa», 5:515 ton.; «Pedro Gomes», 5:417 ton.; «Beira», 4:976 ton.; «Portugal», 3:998; «Peninsular», 2:744 ton.; «Luabo», 1:435 ton.; «Chinde», 1:070 ton.; «Manica», 1:116 ton.; «Ibo», 835 ton.; «Bolama», 985 ton. e «Ambriz», 858 ton.

Vapores só para carga: «Extremadura», 3:771 toneladas; «Dondo», 3:978 toneladas.

Rebocadores no Tejo: «Tejo», «Cabinda» e «Congo».

Navios fretados aos Transportes Maritimos do Estado e ao serviço da Companhia:

«Lourenço Marques», 6:355 toneladas; «S. Tiago», 3:763 ton.; «Congo», 3:077 ton.; «Peniche», 3:566 ton.; «Coimbra», 2:516 ton. e «Gaya», 1:758 ton.

Todos os vapores desta Companhia teem frigorificos, luz electrica, excelentes acomodações, todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos srs. passageiros viagens rapidas e comodas.

Escritorios da Companhia: LISBOA, Rua do Comercio, 85
Porto, Rua da Nova Alfandega, 34

Agentes: ANVERS, Eiffe & Cie.. Quai van Dyck, 10.—HAMBURGO, Peter Ernest Eiffe & C.ª, St. Pauli Landungs brucken Bruke 4.—ROTTERDAM, H. van Krieken, P O B 662.

Telefones: Administração, C. 1527—Chefe do Expediente, C. 1000—Informações, C. 608—Tesouraria e passagens, C. 2665—Comissariado e serviços medicos, C. 3202—Engenheiros, (Caes da Fundição) C. 3952—Caes da Fundição, C. 2087—Deposito e Armazens, C. 4012.

Corrêa Leite, Santos & C.ª

BANQUEIROS

LISBOA

53, Rua Augusta, 59 — **101, Rua da Conceição, 107**

Telefones: C. 237-558 — **Teleg. Portubraz-Lisboa**

Depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira.
Compra e venda de cambiais, notas e moedas estrangeiras.
Descontos e transferencias. Papeis de Credito e coupons.
Ordens de bolsa. Guarda de titulos, etc., etc.

Lampadas e Lamparinas electricas
MENDES & PAIXAO
14, RUA DA BOA VISTA, 14

ESTRANGEIRO

MURALINE
Tinta inglesa a agua
R. das Pedras Negras, 24-1.°
LISBOA—Telefone C. 5392

COISAS DA ANTIGUIDADE

DESCOBERTAS arqueologicas

As excavações de Jerusalem confirmam a versão biblica

LONDRES, 26

O relatorio do professor R. A. S. Macalister mostra que as excavações que se têm feito no sul da area do templo de Jerusalem puzeram a nu as construções a que se faz referencia nos livros de Samuel e dos Reis, tendo sido descobertos os muros de Gebusite e a brecha que lhe foi feita pelo rei David, e havendo sido tambem encontrado o portico ornamental construido no tempo do rei Salomão e as obras defensivas mandadas construir pelo rei Hazekiah, para se defender do ataque dos assirios mandados pelo rei de Senacherib.

Todas as descobertas foram fotografadas, devendo as fotografias ser em breve publicadas, bem como o relatorio pelo «Daily Telegraph».—(R.)

Um navio afundado

19 mortes

NEW-YORK, 26

O navio norueguês «Runa» afundou se á vista das ilhas Carolinas, no Pacifico, tendo o capitão e 18 marinheiros perecido afogados.

Cinco sobreviventes desembarcaram em Beaumont, no Estado de Texas.—(L.)

Um cavalo campeão vai correr em New-York

PARIS, 26

O celebre campeão francês de corridas de cavalos, Epinard, vai correr no Belmont Park, de New-York, na proxima estação uma série de três «matches» contra todos os cavalos americanos de 4 anos de idade.

Epinard deve partir de França para a America em Julho do proximo ano.

PROPAGANDA PATRIOTICA

Uma exposição de arte portugueza EM PARIS

Iniciativa que importa encorajar

PARIS, 23.—Uma exposição portuguesa em Paris é uma velha questão já muitas vezes ventilada na Imprensa, mas que ainda não passou para o campo das realidades.

Sabemos que o sr. dr. José de Figueiredo, quando da sua ultima estada nesta capital, se ocupou deste assunto com todo o interesse que todas as portas lhe serão abertas, e que todas as facilidades lhe serão concedidas. Falta, apenas, a boa vontade do governo português, sem a qual os melhores esforços de meia duzia de patriotas serão completamente inuteis.

E' que não se trata duma simples exposição dearte contemporanea. Para afirmarmos e provarmos a existencia duma escola portuguesa de pintura, digna do estudo e da critica dos homens de sciencia, precisamos fazer uma como que historia da nossa pintura, trazendo até Paris todas as nossas melhores obras e todas as que marcam a nossa individualidade, não esquecendo—está claro—os mestres contemporaneos.

Outros paises, bem mais conhecidos do que nós, têm ultimamente intensificado a sua propaganda na capital da França.

Não falamos já, das inumeras conferencias, que se multiplicam dia a dia; das audições musicais; das festas de confraternização...

Em 1921 uma exposição holandesa prendeu á atenção de todo Paris, apesar da arte holandesa ser bem conhecida dos parisienses que possuem uma magnifica colecção de pinturas no museu do Louvre.

Este ano, a Belgica, num esforço admiravel, conseguiu reunir no pavilhão das Tulherias um conjunto de obras primas, trazidas de varios paises da Europa. Desde Melchior Broederlam, o precursor, por assim dizer, da arte flamenga, até Meunier, Stobbaerts e Stevens, artistas modernos que o seculo XX ainda viu, quasi todos os grandes artistas estavam representados.

Claro que não se pretendeu fazer a historia da arte flamenga. Essa historia está espalhada em todo o mundo, em quasi todos os museus e galerias particulares.

Mas a exposição belga oferece a Portugal um magnifico exemplo. O sucesso que os aguarelistas portugueses obtiveram ultimamente em Madrid, deve servir de estimulo a todos os que desejem auxiliar a organização duma exposição portuguesa em Paris.

Que as despesas a fazer não constituam uma razão de desanimo. As entradas serão pagas.

Os belgas não só recuperaram as despesas feitas, como tiveram um saldo importante que destinaram a uma obra de caridade.

Todas as sextas-feiras um quarteto, formado por grandes professores de Bruxelas, executava trechos de musica belga. E o preço dos bilhetes subia para 10 francos.

Ha dias abriu uma exposição de arte scandinavia contemporanea que está merecendo grandes aplausos da critica parisiense.

Resta-nos preguntar: Para quando a exposição portuguesa?

Lembramos ainda ao governo português a conveniencia de fazer representar Portugal na *Exposição Internacional de Artes Decorativas* que se vai realizar em Paris no mês de Março de 1925.

Se teimarmos em continuar fechados na nossa torre de marfim, entregues apenas ás questões mesquinhas duma politica sem ideais, acabaremos por perder todo o contacto com o mundo civilisado e cairemos no mais completo esquecimento.

Irene de Vasconcelos

MALFEITORES ARMADOS

BANDITISMO na Macedonia

Oficiais canadianos roubados por um bando de salteadores

ATENAS, 26

Um automovel que conduzia um grupo de oficiais canadianos que transportavam o Fundo de Protecção ás Crianças, foi atacado entre Maria e Cozhani, na Macedonia, por um bando de malfeitores armados, os quais obrigaram o «chauffeur» a parar o carro. O capitão dos bandidos ordenou aos oficiais que lhe entregassem o dinheiro que levavam, o que eles fizeram por se tornar impossivel qualquer resistencia. Depois de cometido o roubo, os salteadores mandaram recuar o carro até Cozhani, pondo-se em fuga em seguida. Os passageiros apresentaram queixa ás autoridades gregas, as quais imediatamente enviaram tropas em perseguição dos bandidos e se prontificaram a indemnisar os roubados, oferta que não foi aceite por eles. — (R.).

Herdade assaltada na Irlanda

LONDRES, 26

Um grupo de homens armados assaltou uma herdade em Flaskagh, na Irlanda, apoderando-se de 800 libras. Tendo os fazendeiros dado pelo assalto atacaram os salteadores, conseguindo prender alguns.—(L.)

Uma festa na côrte espanhola

MADRID, 26

Para festejar o dia do santo da Rainha houve uma festa palaciana, tendo se realisado um banquete de 90 talheres. Foram convidados todos os anteriores chefes do governo tendo unicamente assistido os srs. Maura, Sanchez de Toca e Romanones, tendo se os outros desculpado com varios pretextos.—(R.)

ESCULTOR TEIXEIRA LOPES
EXPOSIÇAO de muitas obras deste grande artista portuense na casa BASTOS SILVA, LIMITADA, Rua de S. Nicolau, 81

AVELINO DE FARIA
NOTARIO
Rua N.va do Almada, 64, 1.° — Telef. C. 5367
(Esquina da R. de S. Nicolau)

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo . . .	Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior. . .	Clinica geral e doenças das crianças — 13 h.
Dr. Camossa Saldanha	Rins e vias urinarias — 10 e 1 2 h.
Dr. Cancella d'Abreu .	Medicina geral, doenças nervosas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato. .	Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira	Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1 2 h.
Dr. Henrique Roquette	Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Ottolini	Cirurgia, doenças das senhoras e partos—14 e 1/2 h.
Dr. Zeferino Falcão. .	Pele e sifilis — 14 e 1 2 h.
Dr. Gentil Branco . . .	Raios X.

Não sofram mais dos pés
POIS um simples tratamento curará todos os vossos males. Basta dissolver uma colher de sopa de **Sais DERMOXA** em dois ou três litros de agua quente e banhar os pés durante dez a vinte minutos nesta solução para que desapareçam rapidamente a **inchação, entorpecimento, pizaduras** e todos os males ocasionados pela marcha, fadiga e pressão do calçado.
DERMOXA amolece os **calos, durezas, olhos de perdiz** e outras calosidades dolorosas suprimindo as dores agudas e tornando facilima a sua extracção.
DERMOXA é soberano contra os **joanetes, bolhas, frieiras, comichão, queimaduras, transpiração, ardor e mau cheio.**
Á venda em todas as farmacias e drogarias
Concessionario unico para Portugal e Colonias:
MARIO BRANDÃO, LIMITADA—Rua Eugenio dos Santos, 99—Lisboa.
Depositario no Porto:
EDUARDDO A FONSECA VITORIA & C.ª—Rua dos Caldeireiros, 43, 1.º

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa
◄LYOL►
(Topico oxygenado)
CURA:
FERIDAS — ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇOES DE PELE
FARMACIAS:
LISBOA—R. N. do Almada, 88
PORTO—R. dos Clerigos, 36

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

VACINAS e SOROS
DOS LABORATORIOS MULFORD, DE PHILADELPHIA
Bacterina de Neisser
» » Estafilococcica
» » Antimeningococcica
» » Acné
» » Estafilo-estreptococcica
» » Coli
» » Pyorrhéa, etc.
Todos os sôros são fornecidos com seringas e competentes agulhas esterilisadas
SÔROS PARA VETERINARIA «MULFORD»
CONTRA A PESTE PORCINA
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
Sede: 103, Rua Garrett—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

R. I. P.

Artur Martins de Paiva

FALECEU

Julia Ferreira Pinto Basto de Paiva, Branca Ferreira Pinto Basto de Paiva e Albuquerque, Emilia Martins de Paiva, Antonio Freire de Abreu e Albuquerque, Eulalia Martins Nogueira Travassos, Alberto Martins Nogueira, Artur Martins Nogueira, Maximiano Martins, Francisco Travassos d Almeida cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas d'amizade que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença o seu muito saudoso e chorado marido, pae, irmão, sogro e tio e que o seu funeral se realisa ámanhã, quinta feira, 27, ás 15 horas, da Estação de Vila Franca de Xira para o cemiterio.

Trata agencia funeraria Arraia, de Cascaes.

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
s/Londres, cheque	1115 128	1 57 64
s/Paris	1$47	1$48
s/Madrid	3$70	3$80
s/New-York	29$10	29$30

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
s/Holanda	10$99	11$04
s/Suiça	5$07	5$10
s/Brasil	2$79,5	2$84
Libra esterlina	142$00	146$00

AGUAS PASSADAS

A ACÇÃO do dr. Antonio Videira na ultima tentativa revolucionaria

(Continuação da 5.ª pagina)

tarios me avisou pelo telefone de que me esperavam o dr. Santos Monteiro e outros. Corri ao Governo Civil e encontrei aquele senhor, o capitão Loureiro e um ex-cabo ou ex-sargento Calado. Disse-lhes imediatamente que nada tinhamos que conversar, pois que os radicais conspiravam; que restava, portanto, a cada um agarrar-se com as unhas que tivesse. Mostraram-se eles muito admirados, declarando nada saberem pessoalmente, e achando—se o facto fosse verdadeiro—justa a minha indignação. E, como eu afirmasse que pelo menos o Calado, ali presente, conspirava, este, negando tal, ao sair, já deante de pessoal do meu gabinete, prometia ainda provar a falsidade da acusação. Todos eles disseram ignorar que se preparasse qualquer movimento revolucionario radical. Aí tem a minha conivencia! Aí tem a minha responsabilidade.

—Porque não os prendeu?

—Porque não gosto de fazer prisões inuteis ou precipitadas. Tenho muito respeito pela liberdade do proximo. De resto, só quanto a um eu tinha informações seguras. E, se estas eram bastantes como elemento de convicção, de nada serviriam como prova num processo. Aqueles são três dos quatro radicais com quem conversei. O quarto é o capitão Guimarães que o dr. Santos Monteiro me apresentou. Este, porém, já, ha dias, em «A Tarde», sem que eu o solicitasse, desmentiu a minha intervenção em quaisquer reuniões ou aliciamentos revolucionarios.

—Quando se apresentaram á prisão...

—Como o tenente-coronel Justiniano Esteves fizesse qualquer referencia á presumida itervenção do governo, objectei-lhe que tal era absolutamente falso, narrando-lhe o que acima já disse, e que, ali, ante todos, foi inteiramente confirmado pelo dr. Santos Monteiro, até com palavras de elogio para a minha correcção e lealdade. Então o tenente-coronel Esteves reconhecendo ter sido iludido, confessou a necessidade de sustar a campanha que injustamente ia ser feita contra o governo e nomeadamente contra mim. E o sr. David, aquele rapaz que pela primeira vez via, com uma siceridade que me impressionou, rematou a conversa: —«Sr. Governador! vejo que V. Ex.ª foi miseravelmente enganado; mas eu—creia-me—tambem o fui».

—No entanto...

—Estou efectivamente convencido de que houve quem entre os revolucionarios abusasse do meu nome, provavelmente, para resolver os mais indecisos. Nem todos, portanto, de má-fé terão propalado a mentira da minha conivencia. Mas que culpa tenho eu disso?

E á despedida, o ex-chefe do districto ainda nos afirmou:

—Ora aí tem, a claro, o que se passou. Tudo o que fôr em contrario disso é pura fantasia ou mentira interessada. No entanto, mentiu-se; insinuou-se: caluniou-se. E' o triste direito que a lei, proibindo-lhes o compromisso de honra, reconhece aos reus...

A. J. d'Almeida & C.ª
Cambistas
Telefone C. 436 End. tel. Almingues
172, R. do Comercio, 176
LISBOA
Teem sempre libras, francos, dollars, pesetas, pesos argentinos, etc.
Compra e venda de todas as moedas estrangeiras. Papeis de credito, coupons e ordens de Bolsa. Aos melhores preços do mercado.

Perfumaria «FLOR DE LIZ»
MANUCURE EXECUÇÃO PERFEITA
RUA NOVA DO ALMADA, 83

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
MUDOU-SE para a R. DOS FANQUEIROS, 114

EM PÈ... DE GUERRA

Revolução e sport

Um "complot„ comunista PORTUGAL-ESPANHA

O que as autoridades do paiz visinho descobriram

A politica mete o nariz em toda a parte. Não respeita pessoas, não respeita momentos, não respeita nada nem ninguem...

A prova tem sido feita muitas vezes e dá sempre certa. E o jornalista ainda ante-ontem a tirou mais uma vez. Uma verdadeira prova *real*—apesar de tratar-se dum assunto *comunista...*

O caso passou-se deste modo—e por nossa fé, que foi tal qual:

Estava o jornalista ceando com pessoas amigas no Solar da Alegria. Ceia de vespera do Natal. A animação era grande. As garrafas de vinhos generosos, de «champagne», de licores, eram servidas á razão de dez por cada consumidor.

Na mesa ao lado da nossa—sempre a maldita politica!—falava-se duma revolução organisada por elementos avançados. O jornalista, esquecendo por momentos a palestra sã em que se achava envolvido, poz-se a escutar. A conversa dos visinhos do lado era animada.

Dizia um:

—No dia 28 temos outra revolução.

E o outro:

—Mais uma?!

—Mais uma... e muito revolucionaria.

—Um golpe á Rivera?

—Não! Um golpe comunista, contra Rivera, preparado por elementos radicais espanhois de acordo com elementos radicais portugueses.

—Ein?!

O jornalista pensou:

—Raça de boateiros!

E continuou a palestra interrompida com os seus amigos muito mais amena e interessante...

Mas, no fim dos fins, quando recolhia a casa, deu-se a conjecturar. O «Diario de Lisboa», de resto, já tinha aludido, embora veladamente, ao assunto. E se fosse verdade? E se não fosse?

—Nada! E' preferivel não alarmar as gentes.

E estava disposto a não escrever nem uma linha sobre o assunto.

Mas hoje caíu-lhe na banca da redacção o seguinte telegrama da Agencia Radio, dirigida em Lisboa por um espanhol e que, portanto, não desejará espalhar boatos alarmantes, pelo menos na parte que diz respeito ao seu país:

MADRID, 26—Na presidencia do directorio foi fornecida á imprensa uma nota oficiosa em que se diz que a policia de segurança foi informada de que os comunistas espanhoes, combinados com os comunistas portugueses, preparavam um movimento revolucionario para o dia 28 do corrente.

O movimento rebentaria simultaneamente nos dois paises.

A rapida acção da policia espanhola fez abortar o movimento, tendo sido feitas em Espanha varias prisões. Entre os presos figuram individuos em destaque nos meios comunistas, taes como Angel, Rodriguez Galiana, José Rodriguez Vera e Arelleano, pertencentes ao «comité» central da Federação das Juventudes Comunistas.

Não poude ser preso Luiz Portela Fernandez, secretario desta organisação, e tambem implicado no movimento, porque fugiu para França com passaporte falso.

Tambem foi preso Ramon Lamoreda, um dos directores do partido comunista.

Em San Sebastian, Bilbao, Eibar, Palma Mallorca, Asturias e outras povoações espanholas existiam tambem ramificações desse «complot», tendo-se efectuado varias prisões.—(Radio)

Puzemo nos em campo esta tarde. No ministerio dos Estrangeiros, embora nos não mostrassem estranheza sobre o assunto, nada nos quizeram dizer. A diplomacia fechou-se a sete chaves—e fez muito bem.

Mas num café da baixa houve alguem que nos asseverou:

—Julgo estar provado que havia uma larga rêde de grupos revolucionarios em Espanha e Portugal, que perfeitamente se entendiam—e, provavelmente, ainda se entendem... Esses grupos, no país visinho, actuávam em Gallarta, San Julian de Musques, La Arboleda, Dos Caminos, Aguillar de la Fontera, Vilanueva de la Reina e outras povoações de menos importancia. Para escaparem á vigilancia policial, serviam-se de todos os ardis.

—Seria interessante conhecer alguns, para vêr se apresentam novidade...

—Parece que o mais usado era mascarar as associações secretas de «clubs» sportivos, principalmente de «foot-ball».

—Um «pé» para tomar pé...

—Exacto. Sei até, e isso é o mais curioso, que uma importante agremiação anarquista de Portugal, recebeu convite para ir a Sevilha, misturada com os jogadores portugueses de «foot-ball».

—Talvez seja essa a razão de termos perdido o «match»...

—E' muito possivel. O que é certo é que a policia espanhola fez buscas em varios centros desportivos e apreendeu documentos comprometedores. E tambem é certo que o ministro de Portugal em Madrid já tem conhecimento do «complot».

O nosso informador não se adeantou mais. Nós nada afirmamos. Limitamo-nos a referir factos.

E para os documentar, como é indispensavel publicamos, em fecho, mais este telegrama:

MADRID, 3.—O chefe do movimento comunista que devia rebentar em Portugal e Espanha no dia 28, era Angel Rodriguez Gelleana que já está preso. Tinha recebido esse encargo do «comité» central do partido.—(R.)

O DIA DE NATAL

Continua aberta a subscrição, para ser distribuido no Ano Bom um bodo aos pobres do *Diario de Lisboa*. Até agora recebemos os seguintes donativos:

Diario de Lisboa	250$00
A. R.	50$00
F. C.	50$00
P. H. E. R.	10$00
Livraria Portugalia Editora	50$00
Silva Mendes & C.ª Lt.ª	30$00
Fonsecas, Santos & Viana	500$00
F.	150$00
Um anonimo	200$00
R. B. V. P.	100$00
V. B. V. P.	100$00
?	50$00
J. L. D. B.	50$00
Alvaro Neto	25$00

O Natal foi muito comemorado, quer nas igrejas quer nos lares e nas varias agremiações.

Houve missas na Sé Patriarcal e nas igrejas dos Martires, Encarnação, Mercês, S. Paulo, Santos, Inglezinhos, S. Luiz, etc.

Foram distribuidos donativos aos pobres pelas juntas de freguezia do Campo Grande, de Santo Estevam e pelo grupo Amigos da Infancia.

NO GOVERNO CIVIL

SUICIDIO dum individuo brasileiro que se encontrava preso ha mais dum mês

Anacleto Gougim, subdito brasileiro, foi acusado de ter assassinado no Rio um seu compatriota.

Fugido á justiça do seu país, foi preso em Lisboa ha mais dum mês.

Conduzido para um calabouço do governo civil, ali ficou, esperando impacientemente que lhe dessem qualquer destino.

A prisão fôra efectuada por ordem do sr. consul do Brasil. De modo que a ele se dirigia constantemente o Anacleto, pedindo-lhe que a sua situação fôsse definitivamente resolvida. De nada serviram, porém, os rogos do preso, que se mostrava desesperado, principalmente nos ultimos dias.

* * *

Esta tarde, pouco depois das duas horas, quando um guarda que faz serviço nos calabouços conversava com o Anacleto á grade, ouviu-se uma detonação.

Grande balburdia—e viu-se o preso estendido sôbre a pedra do calabouço, sem dar sinais de vida.

Reconstituiu-se logo a scena:

Apanhando o guarda distraído, o Anacleto tirara-lhe a pistola, disparando um tiro na cabeça, que o matou instantaneamente.

* * *

O que o levaria áquele extremo? O desespêro? O remorso? Ou o medo de pagar caro o seu crime? Quem o sabe? Ha gente que, vivendo misteriosamente, ainda na hora da morte deixa atrás de si um escuro ponto de interrogação...

O "team" português venceu o "Rapid" por 4 a 1

Teve extraordinaria concorrencia o desafio de «foot-ball» entre o «Rapid», campeão da Austria, e o «Sporting», campeão de Portugal. A primeira parte do jogo terminou com zero a zero. Na segunda parte, logo de principio, os austriacos conseguiram meter uma bola. Os portugueses meteram outra imediatamente, e, desde então, o dominio dos nossos jogadores acentuou-se cada vez mais, terminando o desafio com a vitoria a favor do «Sporting», por quatro bolas contra uma.

Boas festas

Recebemos cumprimentos dos srs. Alves da Veiga, ministro plenipotenciario na Belgica, São Boaventura, Joaquim Domingos Pereira, Domingos da Silva, etc., e do Asilo-Escola Antonio Feliciano de Castilho e da The Kellogg Oil Agency.

No gabinete dos «reporters», receberam-se telegramas de boas festas do pessoal das camaras do vapor «S. Vicente»; do comandante e oficiais do vapor «Sado»; das praças e dos sargentos do cruzador «Carvalho Araujo»; e dos passageiros do vapor «Ganda».

Ministro da Agricultura

Tomou hoje posse da pasta da Agricultura o sr. dr. Azevedo Gomes. Ao acto, que foi muito concorrido de funcionarios daquele ministerio assistiu tambem o sr. dr. Jaime Cortesão tendo usado da palavra os srs. Palha Blanco, Tiago Sales e Joaquim de Oliveira que fizeram o caloroso elogio daquele ministro.